

## Índice

Epidemia de ansiedade ambiental.....	1
O discurso incoerente sobre a escola contratada.....	2
“Contra Amazon” .....	4
“O Dilema das Redes Sociais” .....	4

## Epidemia de ansiedade ambiental

Perde o apetite quando ouve falar da deflorestação da Amazônia? Saltam-lhe as lágrimas aos olhos quando ouve dizer que a calote polar se está a derreter? Desperta a meio da noite com pesadelos perante notícias do aumento dos níveis da água do mar? Certamente, padece de ansiedade ambiental. Dentro das múltiplas fontes de mal-estar psicológico do mundo de hoje, a ansiedade ambiental é o último transtorno da moda. A angústia aparece devido à convicção de que a irresponsável ação humana nos está a conduzir a um inevitável destino de aquecimento insuportável, inundações, fomes, extinções de espécies e, em resumo, a um desastre anunciado perante o qual nos sentimos impotentes.

Os terapeutas deste transtorno dizem que os seus pacientes declaram sofrer sintomas próprios da ansiedade, como irritabilidade, ataques de pânico, insónia, pesadelos, perda de apetite, choros incontrolláveis em face do acumular de notícias negativas sobre o estado do planeta. Também se diz que cada vez há mais crianças afetadas por esta angústia diante do futuro. A verdade é que a suposta epidemia de ansiedade ambiental é, de momento, mais um tema de reportagens do que de relatórios científicos, mais uma metáfora do que um diagnóstico reconhecido. Até agora não foi incluída no Manual de diagnóstico de doenças mentais da Associação Psiquiátrica Americana, embora pressões não faltem.

Mas não há dúvida de que existem pessoas a viver a sua preocupação pelo meio ambiente como uma obsessão angustiada. Numa [reportagem](#) (21.10.2019) da BBC, uma mãe com um

bebé de quatro meses perfeitamente são, expressa a sua ansiedade dada a sua convicção de que se continuarmos pelo caminho atual, o seu filho irá morrer devido aos efeitos da mudança climática. Perante esta perspetiva, já decidiu que não terá mais filhos. Reconhece a sua ansiedade ambiental, mas não procura cura: Diz que “um médico não pode fazer nada em face das empresas responsáveis por 70 % das emissões de carbono, ou pôr fim aos voos por motivos turísticos. Nesta mesma manhã, estive a chorar devido a isto. É como fazer luto”.

Trata-se de um luto antecipado, pois a ansiedade ambiental não é provocada por sensações físicas que se estejam a experimentar, mas pelas informações do que se poderia passar no futuro se o rumo das coisas não for retificado. Se se tratasse de uma reação perante a realidade do momento, a ansiedade ambiental deveria ser endémica nos países onde a comida diária é um problema, o acesso à água potável não está assegurado, ou o recém-nascido está exposto a morrer por desidratação. Mas a ansiedade ambiental parece ser mais um transtorno de países ricos.

De momento, já deu lugar ao nascimento de um ramo da psicologia, a psicologia ambiental, que investiga como uma relação saudável com a natureza contribui para o bem-estar emocional do homem. Também apresenta sugestões para reduzir o *stress* e a ansiedade provocados por qualquer choque nesta interação.

Há quem pense igualmente que a ansiedade ambiental não deve ser encarada como uma patologia, mas como uma mostra de clarividência. Como não se sentir angustiado se se pensar que o mundo está à beira do colapso? Mas as reações de pânico nunca foram o melhor estado mental para tomar deci-

sões sensatas. Daí que os terapeutas procurem uma saída para a ansiedade através de mudanças práticas nos estilos de vida das pessoas, o que pelo menos proporcionará a experiência de se estar a contribuir para melhorar o meio ambiente.

Deveriam ainda ser recomendadas algumas [leituras históricas](#) (por exemplo, “The long history of eco-pessimism”, “Spiked”, 25.10.2019) que poderiam melhorar o sentido crítico dessas pessoas diante do Apocalipse ecológico. Sem necessidade de regressar a Thomas Malthus, desde a segunda metade do século XX não faltaram profecias que anunciavam iminentes catástrofes por motivos que foram mudando: a erosão dos solos, o superpovoamento, o buraco na camada de ozono, o crescimento económico excessivo, o esgotamento dos combustíveis fósseis... Todas foram apresentadas na sua altura como científicas e indiscutíveis. Depois, a experiência demonstrou que a criatividade humana era capaz de resolver esses problemas – quando existiam –, para uma população mais numerosa viver muito melhor do que antes. O que hoje nos dizem os cientistas do clima sobre o aquecimento global deveria levar-nos também a procurar soluções práticas viáveis, em vez de suscitar explosões de emoção ambiental exacerbada.

Mas a ansiedade ambiental pode também ser encarada como modo de fazer gala da boa consciência ecológica da própria pessoa. “É difícil evitar a conclusão”, escreve [Frank Furedi](#) (“Spiked”, 19.9.2019), “de que tanto para os adultos como para as crianças se converteu num sinal de virtude exhibir os alarmantes sintomas da ansiedade ambiental. Esses sintomas mostram que se é uma pessoa consciente e preocupada. E que se preocupar pela mudança climática causa sofrimento mental, é mais uma prova dos danos provocados pela mudança climática”. A profecia auto-realizável vai aqui a par com a virtude.

Não deixa de ser paradoxal também que uma sociedade tão preocupada em evitar traumas às crianças as leve hoje a manifestarem-se com cartazes que dizem “Estamos a matar o nosso planeta”. Este bombardeamento contínuo de ameaças ecológicas, mais do que favorecer a sua sensibilidade pelo meio ambiente, pode perturbar o seu equilíbrio psicológico.

Possivelmente, a epidemia de ansiedade ambiental diminuiria o seu nível, se os meios de comunicação social procurassem informar e não assustar em relação à mudança climática. Mas este é um desses temas em que parece que a pessoa tanto mais assumirá uma atitude de responsabilidade, quanto mais provocar o alarme no público, ao ponto de se esbater a fronteira entre o que são factos e o que são previsões.

Por agora, os laboratórios farmacêuticos não ofereceram qualquer medicamento específico para combater a ansiedade ambiental. Segundo se diz, alguns terapeutas do ambiente recomendam aos pacientes que tragam com eles alguns seixos ou cascas de árvore que lhes façam recordar a sua ligação à natureza. Pelo menos, é barato.

I. A.

## O discurso incoerente sobre a escola contratada

Algumas palavras da ministra espanhola da Educação sobre os limites do direito dos pais de escolherem a escola dos seus filhos, pronunciadas no [Congresso das Escolas Católicas de Espanha](#) (“Aceprensa”, 18.11.2019), devolveram aos títulos dos meios de comunicação social o debate sobre o ensino contratado.

As declarações aludiam à questão jurídica de se o citado direito emana da Constituição, ou se depende mais do que disser a lei educativa a cada momento. No entanto, em fundo está subjacente outro debate: o governo atual, que parece conceber o ensino contratado como um complemento subsidiário do público e não como uma alternativa em pé de igualdade, mostrou a sua intenção de alterar as normas em vigor para eliminar a referência à “procura social” – dos pais – enquanto critério para desenhar a oferta de escolas. Na prática, isso significaria que somente se irão conceder contratos educativos quando as escolas estatais não tiverem possibilidade de cobrir as “necessidades educativas” (já não se poderia falar propriamente de procura).

A recusa da escola contratada por parte de alguns setores obedece a várias motivações. Entre os seus detratores, há alguns que criticam a identidade cristã de muitas dessas escolas, algo que consideram incompatível com a laicidade do Estado. É o famoso argumento de “quem quiser um ensino religioso, que o pague com o seu bolso”. No entanto, como limitar direitos devido a convicções próprias não é bem visto, a justificação para alterar os planos dos pais que escolhem o ensino contratado, uma parte deles não crentes, costuma procurar-se nos supostos “efeitos perversos” que produz: concretamente, a discriminação socioeconómica.

Na essência, a explicação é esta: as escolas contratadas, concebidas para dar maiores oportunidades aos pais, têm na prática um efeito discriminatório, porque, ao estabelecerem uma série de barreiras para a admissão (algumas económicas, mas não só), dissuadem as famílias com menos recursos, de onde habitualmente provêm os alunos mais difíceis. Assim, formam-se dois circuitos paralelos: os estudantes desfavorecidos acumulam-se nas escolas públicas, enquanto os de famílias com maiores rendimentos (de entre os que não podem pagar uma escola privada) recorrem às contratadas.

Alguns dados parecem apoiar esta teoria. Efetivamente, o nível médio de rendimento familiar é maior nas escolas contratadas do que nas públicas. Além disso, aquelas têm uma menor percentagem de alunos imigrantes e com necessidades educativas especiais. Todos estes fatores, não obstante, têm muito a ver com a localização da escola, mais do que com o facto de essas escolas serem contratadas. Com efeito, também existe uma importante [discriminação nas escolas públicas](#): as que se situam em zonas ricas quase não têm alunos pobres, e vice-versa.

Todavia, pode-se dizer que existe uma certa “discriminação estrutural” na contratada. Em grande parte, isto explica-se devido à menor presença desta rede nalgumas das zonas com maior concentração de pobreza. Mas inclusivamente dentro dos mesmos bairros, mantém-se uma certa diferença no perfil familiar.

Por que razão se produz este fenómeno? Para os opositores da contratada, o maior rendimento médio nestas escolas não é mais do que a consequência lógica de um plano deliberado para seleccionar os melhores alunos: as escolas aproveitam-se de lacunas legais para dissuadirem os pais de alunos desfavorecidos. Para os seus defensores, pelo contrário, a relação entre causa e efeito é a contrária: é o insuficiente financiamento público que chega às contratadas, e que não permite cobrir os custos reais do ensino, que faz aumentar os custos, dificultando o acesso às famílias com poucos recursos.

Quem tem razão? Por um lado, é verdade que têm existido irregularidades nalgumas escolas contratadas, que cobraram propinas obrigatórias às suas famílias, algo que a lei proíbe, precisamente porque isso levantaria uma barreira para os pais com poucos recursos. Contudo, em geral, o dinheiro entregue em quotas – voluntárias na imensa maioria das escolas – tem por destino a cobertura de gastos que na rede pública são subsidiados pelo Estado: refeitório, transportes, instalações, etc.

Deste modo, poder-se-ia dizer que o próprio Estado é responsável por uma grande parte da discriminação que se observa na contratada. A este fator deve acrescentar-se a própria decisão dos pais, que, como demonstraram algumas investigações feitas, tendem a matricular os seus filhos “entre iguais”, ou seja, com alunos da mesma proveniência socioeconómica ou geográfica.

A Qatar Foundation concedeu a Larry Rosenstock o prémio WISE 2019 pelo melhor projeto educativo do mundo implantado na High Tech High (HTH), uma rede de escolas *charter* (de gestão privada e financiamento público, como as contratadas em Espanha) fundada por ele há vinte anos e que, atualmente, conta com 16 escolas na Califórnia.

Vários meios de comunicação social espanhóis fizeram-se eco deste reconhecimento. A notícia que foi publicada no “El País” (20.11.2019) [elogiava](#) a iniciativa de Rosenstock por várias razões. A principal delas é a vontade integradora que guia todo o projeto, e que se manifesta nos critérios de admissão. No concreto, estas escolas utilizam um sistema de lotaria para atribuir os lugares disponíveis, pois são sempre em número inferior ao da procura. Este sorteio não é meramente aleatório, visto estar “adulterado” para que os alunos sejam os mais diversos em termos socioeconómicos: entre outros métodos, há uma mistura de códigos postais para conseguir evitar que a concentração da riqueza por bairros se transfira para as salas de aulas, e é fixada uma percentagem mínima de estudantes desfavorecidos. As HTH constituem um exemplo de sucesso, porque com um conjunto de alunos difíceis, conseguiram resultados extraordinários.

Sem que a notícia do “El País” o diga expressamente, dá-se a entender que a iniciativa de Rosenstock representa o que deveria fazer, e não faz, o setor da contratada em Espanha: enquanto na Califórnia se procura a integração, em Espanha existe discriminação. No entanto, um olhar pelas normas espanholas que regulam os processos de admissão nestas escolas (as mesmas que nas públicas, aliás) desmente esse suposto antagonismo e denuncia, pelo contrário, o discurso dúplice que existe em torno da escola contratada.

Um dos critérios mais importantes na ponderação dos candidatos (os que dão mais pontos para conseguir lugar numa escola) é a presença de algum familiar na escola. Apesar do objetivo pretendido ser louvável (o agrupamento familiar), este fator prejudica os alunos imigrantes, que não costumam beneficiar da vantagem de terem irmãos na escola e acabam por ficar relegados para o fim das listas de candidatas.

Algo de parecido ocorre com as famílias de menor rendimento e o critério – também igual para a escola pública como para a contratada – de dar prioridade, quando se vai entrar no Ensino Primário, aos alunos que passaram pelo ensino infantil nas escolas adscritas. A medida faz sentido, porque consolida a continuidade do processo educativo. No entanto, como não existem contratos para os primeiros anos do ensino infantil, as famílias com poucos recursos têm na prática uma desvantagem acrescida para ter acesso a uma escola contratada.

Se a Administração quiser na verdade fomentar que o número de alunos da rede contratada seja mais diverso em termos socioeconómicos, haveria várias medidas possíveis que estão relacionadas com o processo de admissão: aumentar o valor que é dado ao rendimento, ou incluir um acréscimo por origem imigrante.

Mais eficaz ainda seria haver outro tipo de iniciativas: contratar a primeira etapa do ensino infantil, proporcionar mais informação sobre as escolas contratadas às famílias desfavorecidas, ceder terrenos públicos para este tipo de escolas nas zonas deprimidas, ou subsidiar o custo real do transporte e do refeitório.

Tudo isso levaria a que o “milagre” das escolas de Rosenstock fosse mais facilmente replicável. Todavia, a política de “ao inimigo, nem água”, pedida por muitos críticos da escola contratada e que parece ser adotada pelo governo espanhol, é responsável (paradoxalmente, ou de tentativa?) pela discriminação que é criticada.

F. R.-B.

## “Contra Amazon”

Autor: Jorge Carrión  
Galaxia Gutemberg. Barcelona (2019)  
180 págs.

Escritor e jornalista, Jorge Carrión (Tarragona, 1976) alcançou sucesso com “[Librerías](#)” (“Aceprensa”, 29.10.2013), obra onde esboçava uma história das livrarias e viajava por todo o mundo para mostrar as singularidades de algumas delas. Esta nova obra, continuação da anterior, constitui uma apaixonada defesa do papel cultural que desempenham as livrarias tradicionais e os livreiros de toda a vida, recusando assim de maneira categórica a atual explosão das livrarias digitais.

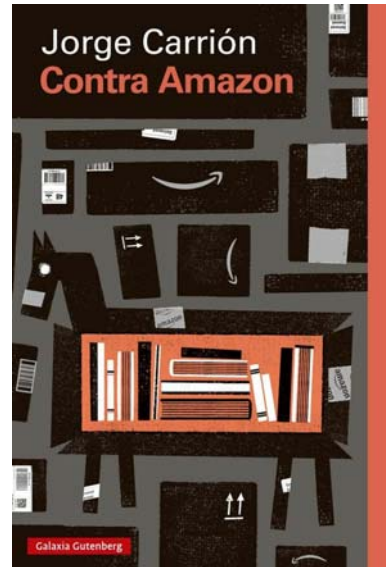
Como é refletido no título contundente, que provém de um dos capítulos do livro, Carrión centra as suas críticas no modelo digital mais difundido, a Amazon. Esse texto, publicado em 2017 pela “Jot Down Magazine”, foi o que recebeu mais atenção por parte dos meios de comunicação social e nele surgem as ideias de fundo que Carrión tem vindo a defender nos últimos anos.

A Amazon propõe um modelo de livraria no qual desaparece o contacto com os livreiros e a visita às livrarias como se fosse algo prescindível quando, para o autor, constituem parte essencial da nossa cultura. Escolher um livro trata-se de um processo onde intervêm fatores humanos, eruditos e culturais, e é na relação estabelecida com as livrarias e os livreiros que se materializa a inquietação e preocupação por ler o mais apropriado e o melhor.

Esta eliminação do fator humano acarreta graves consequências; entre elas, deixa a escolha dos livros, em muitos casos, para o critério dos algoritmos. Para Carrión, “não somos *robots*. E precisamos das livrarias de modo a que continuem a gerar as cartografias de todas essas distâncias que nos permitem localizar-nos no mundo”.

Além disso, como já fez em “*Librerías*”, inclui uma série de reportagens, a maioria delas já publicadas em diferentes revistas culturais, onde descobre livrarias originais que proporcionam novidade ao mundo editorial internacional; também entrevista alguns livreiros famosos no México, na Argentina, em Nápoles, em Seul e em Tóquio. Todos eles fazem sugestivas reflexões num contexto atual complicado, marcado pela ameaça das bibliotecas e livrarias digitais, que estão a revolucionar o mundo do livro.

A. T.



## “O Dilema das Redes Sociais”

“The Social Dilemma”

Realizador: Jeff Orlowski  
Atores: Tristan Harris; Bailey Richardson  
Duração: 93 min.  
Ano: 2020

Este filme tem gerado polémica dentro e fora dos EUA. A própria União Europeia se pronunciou e abriu uma investigação às várias questões que esta obra levanta...

O que causa logo à partida mais impacto é verificar que o filme apresenta “ao vivo” altos responsáveis da Google, do Instagram, do Facebook, do Twitter, do Youtube, etc., que vão explicando como desenvolveram essas ferramentas tecnológicas e, em especial, quais os objetivos delas e o seu alcance. Esclarecem os “riscos” de se conseguir, de facto, um maior “controlo” sobre as pessoas. Para isso, apresentam estudos de neurocientistas sobre o funcionamento cerebral e neuronal perante a exposição a “estímulos externos”. Mas, além disso, o filme também revela “sumariamente” como funciona o “negócio” destas empresas, como lucram com toda a informação armazenada e de que modo é que os dados obtidos, os *big data*, são essenciais para a eficácia da “inteligência artificial” na previsão de comportamentos e “tendências”. Claro que não há apenas “previsão”, pois conseguem induzir, incitar e conduzir à tomada de “atitudes e opiniões” que geram decisões concretas. Vale a pena aprofundar...

## Tópicos de análise:

1. A motivação é, de facto, o motor da ação.
2. O modo de reagir a um “estímulo” afeta o desempenho pessoal.
3. Conhecer a “inteligência artificial” já faz parte do negócio...

## [Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins  
Professor da AESE

